

**DISCURSO PROFERIDO PELO HOMENAGEADO POR OCASIÃO DA ENTREGA DO DIPLOMA DE *PROFESSOR EMÉRITO* DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA.**

*Rubens Pinto Lyra*

Magnífica Reitora da Universidade Federal da Paraíba, Professora Margareth Diniz: em seu nome, saúdo os ilustres integrantes da Mesa e todos os colegas e queridos amigos, a quem sou profundamente grato pelo comparecimento a esta solenidade. Sou, também, grato ao Governador Ricardo Coutinho pela sua comovente mensagem de felicitações.

Ao iniciar as minhas palavras, não posso me furtar de agradecer, de forma muito especial, às personalidades e órgãos que concorreram para a outorga do título de Professor Emérito da UFPB e aos que apoiaram ativamente os trâmites referentes ao processo que culminou com a sua concessão.

O dever elementar de gratidão impõe-me destacar o Professor Giuseppe Tosi, cidadão italiano e paraibano, mola propulsora do processo de implantação da pós-graduação em direitos humanos desta universidade. Sem dúvida, o título que ora recebo expressa o reconhecimento institucional da minha contribuição à UFPB. Mesmo sendo justo, como tantos colegas me querem fazer crer, ele se deveu, concretamente, à iniciativa de Giuseppe Tosi, e à aprovação do PPGDH. Saibam que, para mim, nenhuma outra honraria se compara a esta, razão pela qual lhes sou imensamente grato. Mas ela não me teria sido conferida se não tivesse sido, como foi, aprovada unanimemente pelo Conselho de Centro do CCHLA e pelo Conselho Universitário, com pareceres favoráveis, respectivamente, dos professores Mozart Vergetti de Meneses e Antonio Vilar, Diretor do Centro de Tecnologia e o apoio ativo da Coordenadora do PPGDH, Professora Adelaide Dias e da direção do CCHLA, na pessoa do professor Rodrigo Freire.

Não posso me deslembrar dos eminentes integrantes do CONSUNI que, de forma espontânea, destacaram a justeza da concessão deste título: os professores Swamy de Lima Soares, Vice-Diretor do Centro de Educação; Severino de Oliveira, Vice-diretor do CCEN; Zaqueu Ernesto da Silva, Diretor do Centro de Energias Alternativas e Renováveis e o professor Dinarte Varela, do CCTA, que foi o meu mais destacado aluno no velho Lyceu Paraibano.

Por fim, faço questão de enfatizar o empenho da Reitora Margareth Diniz e do Pró-Reitor da PROGESP, dr. Francisco Ramalho, que não pouparam esforços para agilizar a tramitação desse processo e garantir o brilho dessa solenidade. A todos, meu comovido agradecimento.

Ressalto, com justificado orgulho, o caráter excepcional, diria mesmo único, da homenagem que me é prestada. Quem mais e melhor sintetizou o que se pode dizer a respeito foi meu caro amigo, competente cientista político e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais do CCHLA, José Henrique Artigas Godoy, aqui presente.

Em sua apresentação à livro de minha autoria, a ser lançado neste mês de agosto, com generosidade que lhe é própria, Artigas assim se expressou a respeito

*Atribuído a pouquíssimos, é a mais importante honraria conferida àqueles que dedicaram suas vidas à universidade pública, destacando-se por suas atividades no ensino e na pesquisa e pelo respeito e admiração nutrido pelos seus colegas.*

*O trabalho intelectual raramente traz riqueza e fama àqueles que a ele se dedicam de corpo e alma. Não obstante, não há recompensa maior para o acadêmico que o reconhecimento de sua grandeza intelectual pelos seus pares.*

*É sem dúvida um privilégio colher em vida e na plenitude da capacidade intelectual e produtiva os frutos de uma longa trajetória, como o faz hoje o Professor Rubens Pinto Lyra.*

Essa admirável síntese de Artigas dispensa quaisquer explicações suplementares acerca da justificada emoção que sentem aqueles que são contemplados com o título de Professor Emérito, mesmo se a evidente generosidade das suas palavras superdimensionam as virtudes do homenageado. No meu caso, devo acrescentar que esse título tem muito a ver com a minha contribuição institucional à UFPB, notadamente em atividades com forte repercussão externa, como a participação, nos anos oitenta, no processo constituinte, em interação constante com entidades da sociedade civil. E, nos anos noventa, com iniciativas pioneiras, como a criação da Comissão de Direitos Humanos, o Conselho Estadual de Direitos Humanos e a Ouvidoria Geral da UFPB, que levaram a associar o nome da Universidade Federal da Paraíba, em todo o país, à criação de órgãos de cidadania e à produção, também em caráter pioneiro, de livros e artigos sobre instrumentos de participação na gestão pública, com especial destaque para a ouvidoria.

Minha atuação foi sempre marcada pela intensa relação entre a teoria e a prática, no âmbito do CCHLA, de qual fui representante, em várias oportunidades, no CONSUNI e no CONSEPE. Esse centro foi, durante minha permanência na universidade o **locus** físico, acadêmico e político no qual atuei, em tempos românticos e perigosos, mas promissores – ao contrário de agora - repleto de iniciativas exitosas e transformadoras, tendo sempre a ilustre companhia dos serviços de inteligência do regime militar. E isso ocorreu mesmo durante o processo constituinte, nele representando a ANDES, quando, então membro do Conselho Universitário da UFPB e Diretor dessa entidade, fui enquadrado na Lei de Segurança Nacional - LSN.

Foi essa atuação que permitiu, a mim e a tantos outros professores engajados, contribuir para mudar a face da universidade brasileira, mediante a democratização de sua gestão, e construir, com a criação da ANDES, as bases de um poderoso e autônomo movimento sindical. Permito-me lembrar que a primeira eleição direta para uma Diretoria de Centro no Brasil, na qual estive na linha de frente, se deu no CCHLA, em 1982, sob intensa pressão do SNI, que conseguiu impedir a posse dos Diretores eleitos.

Quatorze anos já se passaram desde a minha aposentadoria, o que torna ainda mais especial o prêmio que agora recebo, pois continuo na ativa! Não pretendo me aposentar de fato, embora necessite, urgentemente - e espero vencer qualquer compulsão em sentido contrário - tirar pelo menos dois meses de férias. Eu pergunto a mim mesmo: será que vou conseguir?

Eis aí sobejas razões para considerar tão especial e gratificante a outorga do título de Professor Emérito, que buscarei, enquanto não me faltar saúde e energia, honrar, com toda a minha persistente dedicação a estudos e trabalhos que contribuam para o fortalecimento da democracia e dos ideais libertários socialistas a ela indissolivelmente associados.

A partir de agora, o *leitmotiv* desse meu discurso será centrado na evocação de algumas características da minha *práxis* acadêmica e militância política *lato sensu*, sendo a primeira delas a **relação entre a teoria e a prática**. Ela está presente, em tudo que fiz e escrevi de alguma relevância, seguindo o ensinamento de Marx para quem “*os filósofos se preocuparam, no curso da história, apenas em interpretar o mundo. Mas, a partir de agora, trata-se de transformá-lo*”.

Nesse mesmo sentido se expressa o professor Hildeberto Barbosa

*As exigências acadêmicas não fizeram de Rubens Pinto Lyra apenas o professor e o pesquisador comprometido com o espaço da sala de aula. Diferentemente de muitos de seus pares, que se acomodam no conforto dos saberes teóricos circunscritos à esfera universitária, no mais das vezes em uma autofagia cognitiva sem qualquer implicação social e política, Rubens faz desse saber instrumento de luta e de sua consciência crítica uma práxis constante, que bem refletem a coragem e o espírito do intelectual público que é”.*

Desconte-se o que há de generosamente superlativo nas palavras desse ilustre colega. Não foi, contudo, apenas por convicção política e ideológica que fiz essa opção. A ela fui empurrado pela minha **segunda característica: o autoditismo** da minha formação. Nunca estudei sociologia e política em curso de graduação, e o que aprendi na Faculdade de Direito não acrescentou muito ao conhecimento dessa ciência. Preferia ficar num canto da sala, lendo livros das matérias acima referidas durante as aulas de Direito que me pareciam enfadonhas e de viés conservador enquanto dava aulas de francês no Lyceu e participava intensamente do movimento estudantil universitário, como um dos seus líderes.

Para um autodidata, a única alternativa é estudar muito, porque muitas são as deficiências a enfrentar. E daí veio uma **terceira característica** a mim atribuída: a **reputação de CDF** (dito de maneira mais elegante, em francês, de um *travailleur acharné* – *quer dizer, um trabalhador incansável*) que ganhei no exterior, nos ambientes onde estudei, em Nancy e em Paris e que mais tarde se prolongou na fama de ser *rigoroso e exigente*, o que é apenas parcialmente verdade. O que, na minha opinião, leva a essa honrosa interpretação é o comportamento marcado pelo paternalismo que grassa na universidade brasileira - contra a qual sempre me insurgi - e que compromete a qualidade de ensino e as suas avaliações.

No final do primeiro ano de minha estadia na França tive um resultado surpreendente, e a primeira grande alegria da vida acadêmica: a minha dissertação de Mestrado, escolhida a melhor do Departamento de Ciências Políticas e por isso, publicada, em 1974, sob os auspícios da Universidade de Nancy, da cidade de Nancy e do Departamento de Meurthe-et-Moselle, tendo merecido, em setembro de 1975, elogios do jornal francês *Le Monde Diplomatique*.

A tese de doutorado sobre as esquerdas francesas, publicada em Paris em 1978, pela *Librairie Générale de Droit et de Jurisprudence*, permitiu-me desenvolver **o viés crítico** na feitura de meus trabalhos. A respeito dessa **quarta característica** de meu

modo de ser acadêmico, meu orientador, o saudoso professor François Borella, então Presidente da Universidade de Nancy, disse que a nacionalidade e a idade, os dois *handicaps* de que, em tese, seria portador tornaram-se, cito “fator de objetividade científica. Não que Pinto Lyra não tenha tido suas referências”, diz Borella, “mas ele lançou um olhar *agudo e crítico* sobre as posições dos socialistas e dos comunistas em relação à construção europeia”.

Essa vocação crítica, na minha opinião, desempenha desde então um papel absolutamente central nas minhas análises sobre as diversas situações por mim vividas e nas opiniões que emito, ora como estudioso da Política, ora como militante, ou ainda, como simples cidadão.

A primeira oportunidade em que teoria e prática se concretizaram durante minha trajetória na UFPB foi através de um artigo, publicado em 1981 pela conceituada revista de filosofia de São Paulo intitulado *Reacionarismo e Xenofobia na Paraíba: o caso da UFPB*. Mas ele foi também publicado em página inteira, por duas vezes, no extinto jornal O Norte.

Nessa dupla publicação, explicita-se uma **quinta característica** de meus trabalhos: **a sua destinação**, não apenas para a leitura dos integrantes da comunidade acadêmica, mas **também para a sociedade**. Diga-se *en passant*, foi o caso dos oito livros que organizei sobre a ouvidoria pública, destinados a um público predominantemente não acadêmico. Pessoalmente, na esteira do grande pensador alemão, abomino a “crítica corrosiva dos ratos” e por isso me empenho para ser lido pelo maior número.

A publicação de *Reacionarismo e Xenofobia na Paraíba* teve um papel decisivo no progressivo esvaziamento da campanha xenófoba levada a cabo pelo então Presidente da Associação Paraibana de Imprensa contra os professores de outros Estados, genericamente chamados de “alienígenas” e taxados, sem exceção, de incompetentes e portadores de costumes pouco compatíveis com a moral dos paraibanos.

Quase todos os meus trabalhos subsequentes imprimiram uma **sexta característica** ao que produzi: **a centralidade da abordagem da teoria e da prática democrática**, sempre buscando exercitar o viés crítico de forma coerente: *em lugar de proteger os meus, como São Mateus teria sido aconselhado a fazer, faço o contrário: o primeiro objeto das minhas críticas são as teorias, os partidos e os movimentos sociais com quem me identifico ou guardo proximidade.*

Foi assim que, há 37 anos, agreguei a prática da autocrítica quando, em 1982, exercia o meu primeiro mandato de Diretor de ANDES e escrevi o primeiro livro sobre o nascente sindicalismo universitário brasileiro, intitulado *Universidade e Movimento Docente*. Nele critiquei severamente o autoritarismo de esquerda e o embrião de corporativismo presente nesse movimento, apesar de considerar a ANDES, que dirigia naquele período, *a mais democrática das entidades sindicais do país*.

Assim continuei a proceder, por exemplo, em entrevista concedida, em 1999, ao jornal da UFPB, quando seu Ouvidor Geral. Basta lembrar o título dessa entrevista *Pinto Lyra bate duro no corporativismo* para perceber meu rigor crítico em relação à instituição da qual eu era Ouvidor. Essa maneira de agir se prolonga, atualmente, nos artigos semanais que escrevo, desde 2015, para o Jornal Contraponto e para a revista Jornalismo e Cidadania, do PPGCOM da UFPE.

Porém, o que prevalece atualmente na discussão dos problemas do Brasil é precisamente o contrário. Longe de se mostrarem receptivos às críticas, partidos e corporações se apressam em desqualificar quem aponta para a necessidade de correção de posições e de julgamentos. A tolerância, o *fair play* e a legítima confrontação de ideias está em baixa. Impera o maniqueísmo político e ideológico, especialmente entre acadêmicos e ativistas políticos da direita que consideram “esquerdopatas”, “fanáticos petistas” e “passadistas” todos que dissentem das concepções e do ideário neoliberal.

Colocam no mesmo saco os que defendem o socialismo democrático e os que se apegam ao modelo totalitário dos regimes ditos comunistas. Ignoram as fundas diferenças entre siglas de esquerda, pretendendo que todas elas estão atreladas ao passado, ao corporativismo e à ineficiência, tendo como modelo de sociedade e de democracia participativa a Venezuela.

Adotando esse comportamento, demonstram que as virtudes liberais de tolerância, respeito ao pluralismo de ideias, de valores e de comportamento se esfumaram, como demonstrou recentemente o ex Ministro da Educação, Mendonça Filho, Torquemada pseudo liberal, quando investiu contra professores que organizaram um curso sobre o golpe de 2016, abrindo investigações com objetivo de condená-los à cadeia por improbidade administrativa.

Já a esquerda, a duras penas, tem feito progresso em relação à democracia, pois hoje compreende, às suas custas, com o injusto encarceramento de Luiz Inácio Lula da Silva, o valor do Estado de Direito e das liberdades democráticas. Mas esse progresso

parece não conseguir fazer que seus setores hegemônicos superem a insustentável contradição entre a defesa da democracia, que supõe a independência do Poder Judiciário e do Ministério Público (mas também a independência destes face aos interesses corporativos) e a plenitude dos direitos individuais e políticos, com a solidariedade incondicional ao regime político supostamente bolivariano liderado por Nicolas Maduro. O que espera a esquerda, a completa *débâcle* da Venezuela? *Quousque tandem?*

Tenho sido crítico intransigente da cegueira e do sectarismo de parte considerável das esquerdas que defendem regimes com vocação totalitária. Essa alienação só encontra paralelo na que ostentam setores influentes do Ministério Público e do Poder Judiciário, empenhados na defesa corporativista e incondicional das vantagens indevidas que recebem (os diferentes penduricalhos), considerando insuficientes seus elevados salários, os quais, não obstante, os colocam no topo das remunerações patrocinadas pelo Estado brasileiro. Mostram, assim, a enorme distância que os separam da compreensão do ideal de uma sociedade que, respeitando as diferenças, não afronte os princípios da justiça distributiva.

A abordagem dessas temáticas faz sobressair, mais do que a das outras, a minha postura, não apenas crítica, mas francamente **dissidente** em relação a posições solidamente estabelecidas, como é o caso das observações que acabo de fazer em relação à ambiguidade da esquerda com relação à democracia: sempre pronta para denunciar – com toda razão, diga-se – os atentados à esse regime praticados em nosso país, porém omissa quando essas violações são feitas nos “países amigos”. Nas reuniões da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais) sujeitei-me a situações constrangedoras por ser o único membro do Grupo de Trabalho, integrado por pesos pesados de formação marxista, a dissociar o leninismo do marxismo e a denunciar o não apenas o stalinismo, mas o seu fundamento leninista.

Da mesma forma, com relação à democracia participativa. Por exemplo, tenho sido voz isolada na denúncia do caráter subordinado e clientelista da ouvidoria pública brasileira, e de sua contaminação por práticas que a reduzem a um instrumento de defesa do consumidor, e não do cidadão. Os exemplos se estendem a muitos outros temas, instituições e problemáticas presentes no dia a dia da sociedade brasileira.

Muitos militantes ou intelectuais concordam, no íntimo, com as razões dos *dissidentes*, mas preferem se acomodar para preservar interesses pessoais ou políticos ou, supostamente, os interesses das classes subalternas. Desacreditam, dessa forma, as previsões e análises justas, marginalizando social ou politicamente os seus autores, que

passam, conforme o caso, a serem considerados “renegados” “inocentes úteis” ou, até, integrantes da linha auxiliar do imperialismo americano. Portanto, a postura crítica exige certa coragem para superar uma inclinação natural que se tem de fechar os olhos sobre os fatos, inclinação que resulta de interesses imediatos e do temor que provoca a revelação da verdade.

*“O que há de terrível quando se procura a verdade é encontrá-la”, disse um ensaísta francês, por que quando isso ocorre não se pode mais ceder à pressão dos que nos cercam nem aceitar os clichês da moda. O sentimento absoluto de que alguns são portadores, de possuir a verdade, decorrente do rígido apego a certas doutrinas, tem como consequência a repulsa da maneira de ser e dos argumentos dos que deles divergem”, impedindo de enxergar o que a realidade escancara.*

Concluo essa alocução, fazendo minhas as palavras de um grande revolucionário e escritor franco-russo, chamado Victor Serge

*“O sentido da vida consiste em participar conscientemente dos acontecimentos históricos. Mais eu penso nisso e mais me parece verdadeiro. Isso significa posicionar-se ativamente contra tudo que diminui os homens e participar de todas as lutas que buscam liberá-los e engrandecê-los. Que esta participação esteja sujeita a erros, não diminui esse imperativo categórico: o pior erro é de se viver somente para si, conforme formas de ser contrárias à solidariedade humana.*

Ainda uma reflexão: sobre Marielle Franco, a filha do povo que dele se tornou mandatária, nas favelas do Rio de Janeiro, brutalmente assassinada por milicianos em conluio com a “banda podre” das polícias civil e militar da cidade nem sempre maravilhosa. Saiu de moda cobrar a rigorosa apuração de seu assassinato e a punição exemplar dos que atentaram, através da jovem vereadora carioca, contra o próprio regime democrático. Mas a questão não pode ser dimensionada apenas segundo os critérios da Rede Globo. A violência contra o Estado de Direito só se detém se os que dela são vítimas e os que cultivam solidariedade de classe, se mobilizar para contê-la.

Para encerrar, cito novamente Victor Serge: “os períodos de trevas” - como os que vivemos atualmente no Brasil – “são terríveis, mas nós aprendemos a resistir”.

9.de julho de 2018,

Sala dos Conselhos Superiores – Reitoria UFPB

**Rubens Pinto Lyra**

[rubelyra@uol.com.br](mailto:rubelyra@uol.com.br)

